

PORTUGUESAS

COM



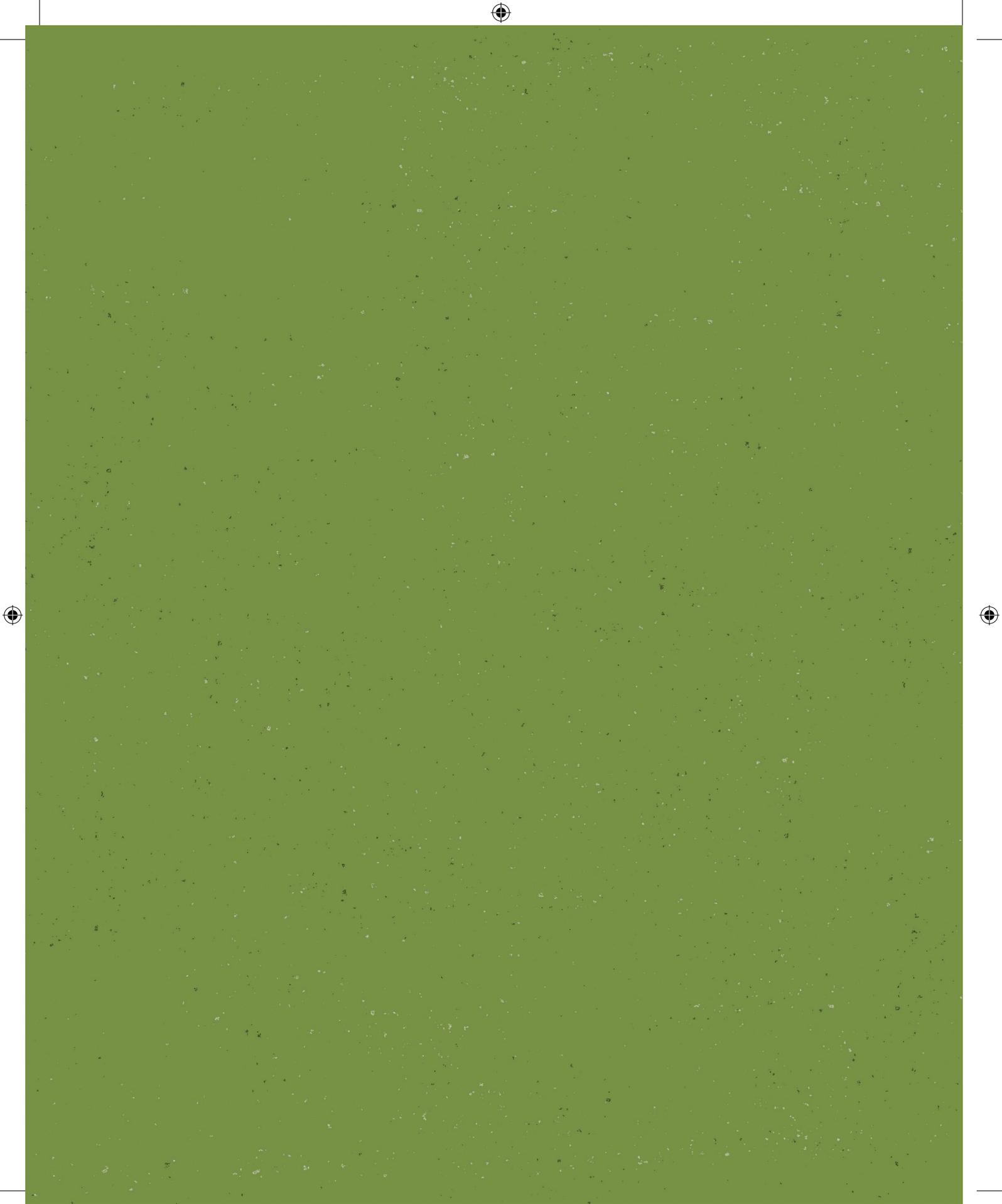
Lúcia
Vicente

ILUSTRAÇÕES
Cátia Vidinhas

 NUVEM
DE
TINTA



*Mulheres que tiveram a coragem de sonhar
e mudar a sua vida. E a dos outros.*



Para a Emmeline e a Mia

Que tenham a coragem de travar as vossas batalhas
e seguir os vossos sonhos, sejam eles quais forem
e custem o que custarem. Nunca desistam, meus amores.

Never surrender! Never give up!

Para a Margarida Lima

Por todas as discussões, por toda a paciência, por todo
o carinho, por todos os ensinamentos de vida, por todos
os momentos partilhados. Quem tem uma tia Guida tem tudo!

Para o João, a Catarina, a Brígida, a Joana, a Leticia, a Adriana e a Beatriz.

Que as vossas vidas sejam uma busca de concretização,
pondo de lado o que os outros esperam que vocês sejam,
e sempre verdadeiras para os vossos corações.

Sei que estou sempre longe, mas, no meu coração, estou
sempre perto. Gosto muito de vocês, meu sobrinho e minhas
sobrinhas. Que pessoas maravilhosas vocês se tornaram.

In Memoriam of Victoria Picket

*There's not a day in my life that my heart and thoughts aren't
with you. I miss you like crazy. I'm sure you're super proud
of this book, wherever you are. If you were not from
the USA, you'd be part of it, because you were an amazing,
strong, inspirational, special woman that for two very short years
made my life richer, more complete, way more happier.*

I will love you until the end of times.

ÍNDICE

PREFÁCIO – MARISA MATIAS	11
INTRODUÇÃO	14
CAROLINA BEATRIZ ÂNGELO	16
BEATRIZ COSTA	18
BRANCA EDMÉE MARQUES	20
VIEIRA DA SILVA	22
ANTÓNIA RODRIGUES	24
CATARINA EUFÉMIA	26
D. MARIA II	28
ANA DE CASTRO OSÓRIO	30
MARQUESA DE ALORNA	32
FERREIRINHA	34
NATÁLIA CORREIA	36
MATILDE BENSAÚDE	38
AMÁLIA RODRIGUES	40
JOSEFA D'ÓBIDOS	42
FLORBELA ESPANCA	44
MARIA VELEDA	46
MARIA DE LOURDES PINTASILGO	48
MARIA TERESA HORTA	50
PADEIRA DE ALJUBARROTA	52
CELESTE MOUSACO	54
PAULA REGO	56
MARIA JOSÉ ESTANCO	58
TETÉ	60

TETÉ	60
MARIA ARCHER	62
CHICA DA SILVA	64
ALICE MODERNO	66
MARIA LAMAS	68
BÁRBARA VIRGÍNIA	70
LUÍSA TODI	72
SARAH AFFONSO	74
SACUNTALA DE MIRANDA	76
VIRGÍNIA QUARESMA	78
LEONOR DA FONSECA PIMENTEL	80
ADELAIDE CABETE	82
MARGARIDA DE ABREU	84
ROSA MOTA	86
PRETA FERNANDA	88
MARIA DE LOURDES BRAGA DE SÁ TEIXEIRA	90
ANA SALAZAR	92
VIRGÍNIA MOURA	94
ISABEL RILVAS	96
JULIANA DIAS DA COSTA	98
MULHERES ANÓNIMAS	100
PARA SABERES MAIS – QUEM É?	103
PARA SABERES MAIS – O QUE É?	107
CÁTIA VIDINHAS	120
LÚCIA VICENTE	121



PREFÁCIO

Na História oficial há muitos vencedores e heróis. Quase nunca se lembram os derrotados, os que tiveram de ceder ou os que ficaram em minoria. Mas o silêncio maior é a quase ausência de mulheres. Os feitos históricos são de homens heróis, claro está, e de sucesso garantido. É por isso que este livro é tão importante.

As mulheres que aqui estão são diversas, mas todas elas são matéria-prima de inspiração, de esperança, de força e, ao mesmo tempo, de fragilidades. São gente como a gente, mas são também superação. São as mulheres que fizeram o que não era esperado no seu tempo e é por elas que o tempo pode ser agora mais nosso, enquanto mulheres. Há uma cratera em Marte que se chama Vieira da Silva e haverá um lugar no coração para todas elas. Entregá-las, assim, completas, como fazem as autoras, é algo que não tem agradecimento possível. Há uma urgência neste livro.

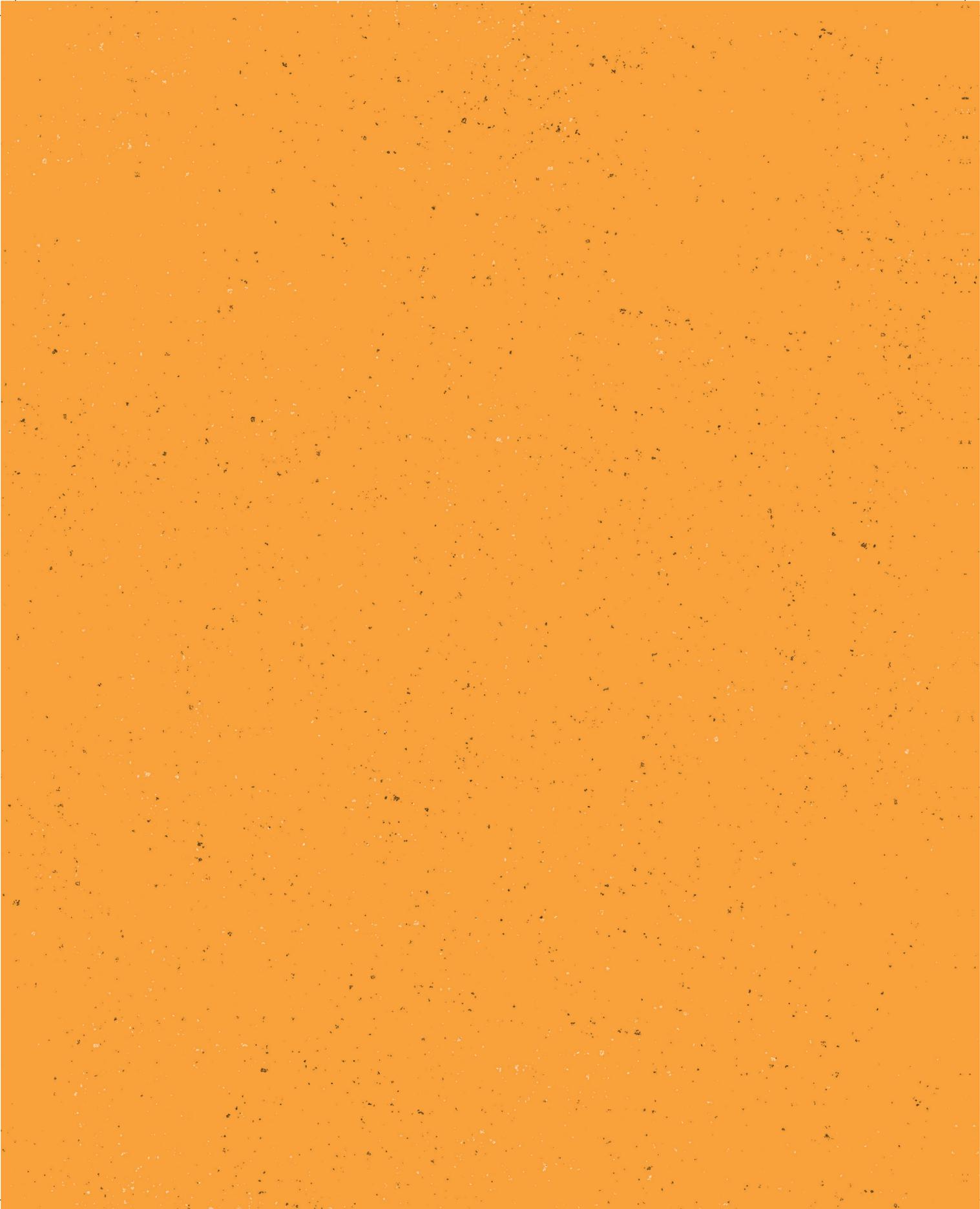
A urgência de dar a conhecer os nomes e as vidas destas mulheres.

Absorvam-no, surpreendam-se e espalhem a notícia.

O caminho que está ainda por fazer está mesmo aqui à nossa frente.

Marisa Matias

Investigadora e Eurodeputada





INTRODUÇÃO

Sempre adorei ler. Desde que consigo perceber como funciona isto das letras que passei a devorar livros. A maternidade trouxe consigo um desejo compulsivo de visitar livrarias, de querer ver a minha filha crescer envolta nesta coisa mágica que são os livros.

Estávamos em 2015 e, nessa altura – felizmente já não é assim –, deparei-me com uma realidade um pouco assustadora: a maioria dos livros infantis continuava a debruçar-se sobre o tema das princesas que aguardavam, impávidas e serenas, a olhar por janelas, que um tal de príncipe encantado viesse salvá-las. Do quê, nunca saberemos. Para com os meus botões de roupa de grávida, pensei que não queria que fossem estas as histórias com que a minha filha iria partilhar o seu sono todas as noites. Queria, sim, que ela soubesse que podia ser diferente. Que podia sim, ser uma princesa, mas também que podia ser ela a cavalo num corcel luzidio e salvar o príncipe. Ou que podia ser outra coisa qualquer. O mais importante era que ela adormecesse com a certeza de que podia sonhar com o que quisesse e que não seria o facto de ter nascido mulher que a impediria de alcançar, lutar, almejar o que quer que fosse. Queria que ela crescesse com a certeza de que todas as pessoas devem ser livres.

Ao mesmo tempo que a Emmeline – assim decidimos chamar a nossa filha – ia crescendo na minha barriga, este livro ia crescendo na minha cabeça.

Foi então que comecei a preparar uma lista das mulheres que considerava inspiradoras. Aos nomes que já conhecia, consegui juntar muitas mais. No final, eram imensas as mulheres dignas de inspirar uma população inteira, das quais decidi escolher quarenta e duas.

Passaram 42 anos desde que a mulher obteve, em Portugal, o direito legal de votar, em igualdade de circunstâncias com os homens. Embora Portugal tenha sido o primeiro país da Europa Ocidental a registar o voto de uma mulher, em 1911, esse direito foi

imediate e tristemente revogado após a ousadia de Carolina Beatriz Ângelo, que saiu de casa, em dia de eleições, para fazer valer o seu direito e dever de cidadã e votar.

Só a 2 de Abril de 1976, data da entrada em vigor da nova Constituição da República Portuguesa, após a Revolução dos Cravos, as mulheres puderam ver concretizado o seu sonho – ou será direito? – de ter uma voz ativa na sociedade e contribuir para a eleição dos seus órgãos de poder. Esta foi uma das maiores conquistas femininas de sempre, mas, para que tal pudesse acontecer, passaram-se anos de luta, de sofrimento e de reivindicações. Sempre protagonizado por mulheres com uma coragem ímpar, destemidas e independentes que se recusaram a baixar os braços e nunca deixaram que a opinião das outras pessoas as desencorajassem.

As crianças precisam de exemplos assim, de pessoas reais, sonhadoras. Mulheres fortes que encaram os desafios que a vida lhes traz com um sorriso no rosto, sem perder a esperança num mundo que poderá ser maior e melhor e onde podem fazer a diferença. As meninas não precisam de histórias onde sejam resgatadas por príncipes, precisam de histórias em que possam inspirar-se. E os meninos precisam que se lhes tire dos ombros o peso de resgatar as princesas e precisam, acima de tudo, de compreender que as mulheres podem e conseguem mudar a História, lado a lado com eles.

Para assinalar e celebrar os 42 anos que passaram sobre uma conquista tão importante, resgatamos ao esquecimento o nome e a história da vida de cada uma destas 42 mulheres que, apesar da sua importância, a História insiste em esquecer. É preciso homenageá-las dando-as a conhecer aos pais, às crianças, aos educadores, ao país, e mostrando às gerações vindouras, aos homens e às mulheres de amanhã, que a História não é só feita de homens, mas de pessoas.

Lúcia Vicente



CAROLINA BEATRIZ ÂNGELO

(Guarda, 16 de abril de 1878 – Lisboa, 3 de outubro de 1911)

Médica, sufragista, ativista dos direitos das mulheres

O dia tinha finalmente sido anunciado: 28 de maio de 1911. Era a primeira vez que se votava em Portugal, já que, até aí, o país vivera numa monarquia, governado por um rei. Era também inédito, em toda a Europa Ocidental, uma mulher atrever-se a votar. A política era um assunto reservado aos homens.

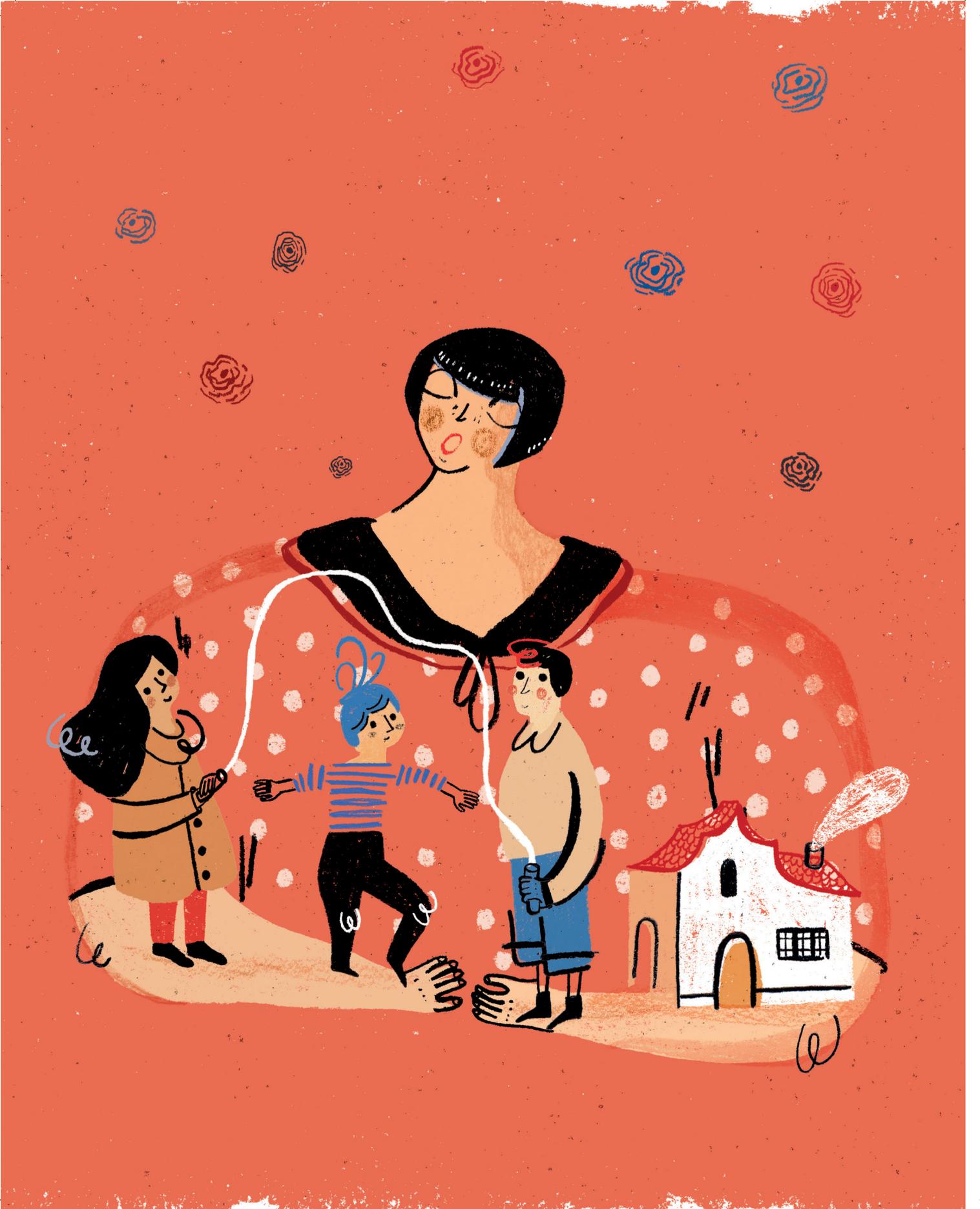
Carolina sabia que teria de ser mais astuta do que os políticos da sua época. Leu e releu a lei, redigida de fresco e acabada de sair da revolução, e percebeu que não especificava quem podia votar: se só os homens ou se todos os cidadãos portugueses. Ora, ela era uma cidadã portuguesa, e até sabia ler e escrever. Era médica ginecologista e tinha a cargo a sua filha Emília.

Não foi fácil, chegou até a ir a tribunal duas vezes para reivindicar o seu direito de voto, mas arregaçou as mangas e lutou com toda a sua força e inteligência por aquilo em que acreditava. E conseguiu!

No dia marcado, acompanhada por dez companheiras da Associação de Propaganda Feminista que quiseram testemunhar, em primeira mão, o feito, Carolina Beatriz Ângelo foi votar. Aguardava-as uma multidão de curiosos à porta do Clube Estefânia, de tal forma, que voluntários da polícia decidiram guardar o local. Também os jornalistas não quiseram perder pitada e, às nove da manhã em ponto, já lá estavam, em grande número, a marcar presença. Era um momento único que ninguém queria perder.

Quando Carolina chegou, deparou-se de imediato com a primeira dificuldade: não queriam deixá-la entrar. Só estavam autorizadas pessoas que fossem votar e, para o voluntário que controlava a entrada, era óbvio que uma mulher não podia votar. Estava enganado. Carolina entrou e votou com o número de eleitor 2513, deixando o seu nome para sempre inscrito nos anais da História de Portugal e da Europa Ocidental. Infelizmente, os senhores legisladores da recém-nascida República Portuguesa apressaram-se a mudar a lei e a incluir o género feminino como fator de exclusão ao sufrágio, impedindo assim as mulheres de votar – mesmo num regime democrático. Foram precisos 63 anos e uma revolução para que se declarasse, em Portugal, o sufrágio universal.

A vida de Beatriz Ângelo foi pioneira em várias frentes: integrou o primeiro grupo de mulheres a defender direitos e deveres iguais para homens e mulheres; foi a primeira mulher da Europa Ocidental a votar; foi a primeira mulher a realizar uma cirurgia e foi a primeira feminista portuguesa, e única da sua época, a defender o serviço militar obrigatório para as mulheres.



BEATRIZ COSTA

(Mafra, 14 de dezembro de 1907 – Lisboa, 15 de abril de 1996)

Atriz, escritora, aventureira

Muito faladora e sem papas na língua, Beatriz, dona de uns olhos matreiros, recusou terminantemente que as adversidades da vida a vencessem. Preferia encará-las de frente, do alto do seu metro e meio de altura e com um sorriso imenso. E foi com esse sorriso que, da menina que dormia no vão das escadas se fez a mulher literata que ocupou, até morrer, um quarto do Hotel Tivoli, em Lisboa.

Aos cinco anos, depois de uma série de tristes acontecimentos, Beatriz foi trazida para Lisboa, para viver no Beco da Ricarda. Foi adotada pelo grande pintor José Malhoa e pela sua mulher, que lhe chamavam *Gioconda* Pequenina e para quem passou a posar e a servir de inspiração. Foi assim que ganhou os primeiros dinheiros e aprendeu a poupar.

Em 1923, com 15 anos, faz ranger pela primeira vez as tábuas do Teatro Éden como corista na revista *Chá e Torradas*. Correu muito mal. Não tinha jeito nenhum para dançar e acertar o passo: quando as outras coristas lançavam a perna para a direita, Beatriz ia para a esquerda; se era para ir para trás, ela vinha para a frente. Esteve quase para desistir... Mas a sua paixão pelo teatro e pelos artistas de cara pintada era tal que, mesmo desajeitada e trapalhona, lá a deixaram embarcar quando a companhia foi em digressão pelo Brasil. Durante a viagem, a atriz principal adoeceu. Descarada e espertalhona, Beatriz, que sabia de cor todas as músicas de tanto as ouvir nos camarins, pediu para fazer o número da vedeta. O sucesso foi tal que, quando o barco atracou no Brasil, já não era corista, mas sim uma atriz de revista. Daí até passar para primeira figura foi um saltinho. Podia não ter jeito para coreografias, mas nascera com um talento natural para comunicar e fazer rir a audiência, e as suas graçolas e canções passaram a andar na boca de todos.

Ao longo da sua vida foi-se alfabetizando, como gostava de dizer, com a ajuda do seu amigo e escritor Aquilino Ribeiro e da livraria Bertrand, no Chiado, que lhe emprestava todos os livros que quisesse. Sem receio de comentários maliciosos, desatou a fazer perguntas e infiltrou-se nas tertúlias da Brasileira, um café frequentado pelos intelectuais mais brilhantes da época, onde ela e Sarah Affonso, uma pintora portuguesa, eram das poucas mulheres que por lá se viam. Por nunca ter tido acesso a uma educação sistemática ou a um ambiente cultural, mandou construir uma escola primária na sua aldeia natal, a Charneca do Milharado, em Maфра. Esta foi uma das maiores alegrias da sua vida: dar às crianças da sua aldeia a possibilidade de estudarem.



BRANCA EDMÉE MARQUES

(Lisboa, 14 de abril de 1899 – Lisboa, 19 de junho de 1986)

Cientista, investigadora, colega de Marie Curie

Branca viveu numa época em que a ciência era uma área dominada pelos homens e praticamente vedada às mulheres. Quando terminou a licenciatura em Ciências Físico-Químicas, na Universidade de Lisboa – um feito já de si muito raro para uma mulher na primeira metade do século xx –, foi, a medo, convidada pelo professor de Química para trabalhar como segundo assistente:

– Não sei se os alunos a levarão a sério e se conseguirá manter a sua compostura, já que será a única mulher, entre professores e funcionários, a trabalhar no departamento de Química. Só espero que os restantes consigam aceitar esta modernice de haver mulheres mais inteligentes do que eles.

Deve ter sido bem-sucedida, uma vez que, pouco tempo depois, conseguiu a sua primeira bolsa de investigação. Lá foi ela para Paris, estudar Física Nuclear no Laboratório Curie do Instituto do Rádio. Branca estava nervosa, mas também muito entusiasmada. Ia ter a honra de aprender, e trabalhar lado a lado, com Marie Curie, a única mulher a quem, até à data, fora entregue o prémio Nobel da Química e da Física.

Começou por trabalhar numa pesquisa sobre leis da separação do actínio a partir das terras raras actíniferas. O actínio, do grego «aktinos», que significa raio luminoso, é um elemento químico de cor prateada extremamente radioativo e potencialmente muito nocivo para a saúde – tanto quanto o plutónio. Quando se desliga a luz, o actínio brilha no escuro com uma luz azulada. É muito bonito.

Sob a orientação de Marie Curie, terminou o seu doutoramento na Sorbonne, em Paris, a 21 de novembro de 1935, mas só no ano seguinte é que viu o feito reconhecido pela universidade portuguesa. Em Portugal, na década de 1930, acreditava-se que o papel da mulher devia ser o de cuidadora do lar, dos filhos e do marido, razão pela qual, para o regime de Salazar, este foi um sapo difícil engolir: uma mulher cientista, imã-gine-se, e que, ainda por cima, obteve a menção de *très honorable*, nota máxima num doutoramento em França.

Quando decidiu voltar para Portugal, o governo autorizou-a, não sem grande renitência – não fosse virar moda as mulheres quererem saber mais de neutrões e protões que dos seus lares – a fundar o Laboratório de Radioquímica em Lisboa. Branca foi sua diretora até morrer, aos 87 anos, em 1986. Os seus alunos contam, divertidos, que Branca se referia a Marie Curie como Maria. Gostava que soubessem que tinham sido muito amigas além de colegas de trabalho. A sua vida foi brilhante, tal como o actínio!

